



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufrgs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Ferreira Neto, Amarílio; Schneider, Omar; dos Santos, Wagner; da Silva Mello, André; Gonçalves
Soares, Antonio Jorge

Por uma teoria da Educação Física brasileira na imprensa periódica de ensino, técnica e científica

Movimento, vol. 20, núm. 4, outubro-diciembre, 2014, pp. 1473-1497

Escola de Educação Física

Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115332898011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Por uma teoria da Educação Física brasileira na imprensa periódica de ensino, técnica e científica

*Amarílio Ferreira Neto**

*Omar Schneider***

*Wagner dos Santos****

*André da Silva Mello*****

*Antonio Jorge Gonçalves Soares******

Resumo: Objetiva identificar as práticas científicas sobre teoria da Educação Física brasileira na imprensa periódica de ensino, técnica e científica entre 1932 e 2005. As fontes foram: *Revista de Educação Física* (1932-2005), *Educação Physica* (1932-1945), *RBCE* (1979-2005) e *Motrivivência* (1988-2004). A síntese desse debate impacta a imprensa periódica desde fins da década de 1940. Pode ser percebida em uma teoria da ação que se apropria de conhecimentos das ciências biológicas, humanas e sociais como recurso tático para confirmar a estratégia de implantação e consolidação do componente curricular Educação Física nas escolas e nas universidades do País.

Palavras-chave: Educação Física. Práticas científicas. Teoria. Periódicos.

1 INTRODUÇÃO

[...] a tradição de pesquisa de língua francesa é demasiado especulativa e sofre de uma insuficiência de bases empíricas.

*Departamento de Desportos. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Vitória, ES, Brasil. E-mail: amariliovix@gmail.com

**Departamento de Ginástica. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Vitória, ES, Brasil. E-mail: omarvix@gmail.com

***Departamento de Ginástica. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Vitória, ES, Brasil. E-mail: wagner@proteoria.org

****Departamento de Ginástica. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Vitória, ES, Brasil. E-mail: andremellovix@gmail.com

*****Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: antoniojsoares@pq.cnpq.br

[...] a tradição de pesquisa anglo-saxônica, principalmente americana, é tão empírica que lhe falta um quadro de reflexão de base para lhe dar mais profundidade (GAUTHIER *et al.*, 1998, p. 324).

Seria uma heresia supor que a Educação Física brasileira está profundamente marcada, nos séculos XIX, XX e XXI, por essas duas vertentes de pesquisa que aparentemente opõem especulação e empiria? Não seria heresia maior afirmar que se há pensamento pedagógico brasileiro sobre o fazer e pensar da Educação Física, nesse período, se tornou possível escolarizar esse componente curricular?

Se considerarmos que o discurso (teórico) epistemológico sobre a Educação Física só é possível pela interpretação do feito, parece-nos razoável admitirmos que nossa tradição de reflexão sobre essa matéria é longa. Se assim não for, como explicar o esforço de teorização (pensamento e ação) de uma intelectualidade distante que bem pode ser representada por Rui Barbosa, Fernando de Azevedo, Manuel Bomfim, João Ribeiro Pinheiro, Inezil Penna Marinho, Alfredo Gomes de Faria Júnior e Moema Toscano?

No mesmo sentido, conforme indicado em estudos de Oliveira (1994), Daolio (1998), Caparroz (1997) e Carneiro (2011), há também o trabalho de uma intelectualidade próxima que pode ser representada por Victor Marinho de Oliveira, Celi Neuza Zulke Taffarel, Go Tani, João Batista Freire, Valter Bracht, Lino Castellani Filho, Carmem Lúcia Soares, Mauro Betti, Elenor Kunz e outros. Todos parecem reconhecer que há diferenças substantivas nos fundamentos da reflexão desse importante elenco de intelectuais desse campo. Isto quer dizer que cada um, no seu tempo, com os instrumentos teóricos disponíveis, colaborou para a criação, implantação e consolidação do campo da Educação Física, tendo como ideia central o seu processo de escolarização.

Para que um campo discursivo pudesse ser criado sobre o componente curricular Educação Física foi necessário formar, dentre outros aspectos, uma comunidade específica de profissionais,

criar seus eventos científicos e periódicos, objetivando a veiculação do pensar e fazer pedagógico elaborado e proposto como política educacional escolar (VAGO, 1999; FERREIRA NETO, 1999).

Pensar uma teoria da Educação Física brasileira tem sido um exercício frequente dos intelectuais dessa área nos séculos XX e XXI. *Grosso modo*, nesse tempo, construiu-se o conhecimento sobre o assunto por oposição: Ciências Biológicas versus Ciências Sociais; Positivismo versus Marxismo; e seus derivados em perspectivas estruturais binárias: consenso ou conflito; reacionário ou revolucionário; conservador ou progressista; velho ou novo; militar ou civil; biológico ou social; técnico ou pedagógico; aptidão física ou cultura corporal.

Um estudo retrospectivo do debate ocorrido sobre teoria da Educação Física brasileira nos séculos XX e XXI chegaria a esse quadro como representativo dos avanços obtidos ou haveria alguma possibilidade de alterações substanciais nas interpretações que foram consolidadas nas últimas três décadas?

O estudo aqui proposto objetiva identificar as práticas científicas sobre teoria da Educação Física brasileira a partir da imprensa periódica de ensino, técnica e científica, entre 1932 e 2005.¹ Os recursos teóricos são oriundos de Chartier (1990), Ginzburg (1989) e Certeau (1994). Trabalha-se com os conceitos de apropriação, de circularidade de cultura, assim como as noções de uso, tática e estratégia.

As fontes foram definidas a partir do Catálogo de Periódicos da Educação Física e Esporte (1930-2000). A imprensa de ensino e técnica foi representada pela *Revista de Educação Física* (1932-2005) e pela revista *Educação Physica* (1932-1945). Já a imprensa científica foi observada a partir da *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* (1979-2005) e *Motrivivência* (1988-2005).²

¹As discussões da evolução conceitual e histórica sobre periódicos brasileiros da Educação Física está em Ferreira Neto (2005a, b, c).

²Esta pesquisa é fruto das ações realizadas pelo Grupo de Pesquisa Proteoria que tem, desde 1999, se dedicado à análise dos impressos, tomando-os como fonte e/ou objeto de estudo.

A *Revista de Educação Física* foi criada em maio 1932, sob chancela da Escola de Educação Física do Exército, para divulgar a prática da Educação Física na sociedade civil. É o periódico de maior longevidade da Educação Física brasileira, circulando até a presente data. No período da pesquisa, foram analisados 132 exemplares.

Já a revista *Educação Physica* foi um periódico produzido no Rio de Janeiro. Seus principais editores foram: Paulo Lotufo, Oswaldo Murgel Rezende, Roland de Souza e Hollanda Loyola. Nos 13 anos em que circulou, lançou 88 revistas.

A *Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)* possui a chancela do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). O primeiro número foi publicado em 1979. Entre 1979 e 2005, foram veiculadas 83 revistas.

A revista *Motrivivência* foi lançada em dezembro de 1988, e até o ano de 2005 publicou 21 exemplares. Ela se caracteriza como científica, com temáticas relativas à prática pedagógica, com ênfase na discussão epistemológica e política da Educação Física.

Para captar os núcleos discursivos veiculados pelos impressos, em primeiro lugar, o estudo atém-se às quatro primeiras décadas do século XX e examina, por meio da *Revista de Educação Física* e da *Revista Educação Physica*, os indícios que apontam para estruturação de uma teoria da ação que possui como alvo a produção de uma Pedagogia para a Educação Física.³ Num segundo momento, examinam-se as três últimas décadas do século XX até meados do século XXI, percebendo, por meio da *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* e *Motrivivência*, as transformações e as ressignificações do conjunto de argumentos que buscam afirmar a Educação Física como disciplina escolar.

Não objetivamos, neste estudo, produzir uma comparação entre as décadas e/ou entre os periódicos, mas apresentar seus núcleos

³Apesar de a *Revista de Educação Física* estar circulando na atualidade, não iremos analisá-la no período de existência da *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* e da *Motrivivência*. Isto se deve à mudança em seu projeto editorial ao deslocar seu escopo para a publicação de estudos sobre a atividade física e sua relação com a saúde e o desempenho. Nos últimos 50 anos, a Escola de Educação Física do Exército, que chancela a revista, vai deixando de ter como missão contribuir para a escolarização da Educação Física, bem como de teorizar sobre ela.

discursivos sobre e para a Educação Física. Compreendemos, desse modo, que “[...] Só se estabelece, de fato, data, só se controla e, em suma, só se interpreta um documento por sua inserção em uma série cronológica ou um conjunto sincrônico” (BLOCH, 2001, p. 109).

2 A PEDAGOGIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA: INDÍCIOS DE UMA TEORIA DA AÇÃO NA IMPRENSA DE ENSINO E TÉCNICA (1932-2005)

Ao analisar o conjunto de argumentos dos intelectuais sobre e para a Educação Física nas quatro primeiras décadas do século XX, percebe-se a preocupação com o ensino e com os meios para se pedagogizar os saberes que constituem os fazeres da Educação Física, como evidencia Calvalcanti (1932a, s. p.).

O ensino da educação física [...] [era] ministrado sob a forma: de lições completas, abrangendo as sete famílias [Marchar; Trepas, escaladas e equilíbrio; Saltar; Transportar e Carregar; Correr; Lançar; Atacar e Defender] com o objetivo de conseguir o desenvolvimento harmonioso do corpo; de sessões de jogos, destinadas a substituir as lições uma ou duas vezes por semana, de sessões de esporte individuais e coletivos, que servem para o ensino e a prática de estilo e das regras e tática de cada um deles, por fim, as sessões de estudo destinadas a preparar as lições completas de educação física geral e as desportivas (CAVALCANTI, 1932a, s. p.).

As *Lições de Educação Física*, conjunto prescritivo veiculado como seção da *Revista de Educação Física*, podem ser compreendidas como a principal fórmula empregada pelos editores do impresso para dar a ver os modos pelos quais os professores poderiam sistematizar os fazeres e saberes que compunham o núcleo do ensino. As *Lições* eram compostas por reuniões de exercícios variados que agissem em todos os órgãos do corpo em que se iniciava por uma sessão preparatória, passando pela lição propriamente dita e terminando com a volta à calma. Todavia, seus objetivos, conteúdos, metodologia, recursos físicos, materiais

didáticos e avaliação diferem conforme a instituição a que se destina: Exército ou Escola.

Ao observar a estruturação das aulas, percebe-se grande valorização dos jogos, tanto nas lições prescritas para serem aplicadas ao corpo da tropa quanto nas atividades voltadas para as crianças em processo de escolarização. Contudo, sua introdução deveria ser feita no “momento oportuno”, quando o instrutor notasse que sua classe demonstrava menor interesse pela aula. Nesse caso, os jogos tinham como função manter a aderência dos alunos nas aulas sem que se perdessem os objetivos pretendidos com a lição.

Esse princípio da atração da lição é considerado pelos editores fundamental, e seu desenvolvimento dependeria do grau de habilidade do instrutor. Diziam eles: “[...] só torna uma lição atraente, o instrutor que está integrado no seu papel e tem segurança de seu saber e conhecimento de seus alunos. Deste conhecimento resulta a introdução de meios destinados a tornar a lição agradável” (CAVALCANTI, 1932b, s. p.).

Outro princípio necessário para que a lição fosse considerada bem aplicada relacionava-se com a disciplina utilizada pelo instrutor na preparação física da tropa e na condução de aulas em escolas públicas e particulares.

Segundo Dewey (1952), autor de referência usado nos trabalhos do período, disciplina é quando o indivíduo sabe o que deve fazer e o faz prontamente. A resistência em frente às dificuldades para a realização de uma determinada atividade também é considerada disciplina. Ele completa dizendo: “[...] Disciplina significa energia à nossa disposição; o domínio dos recursos disponíveis para levar avante a actividade empreendida” (DEWEY, 1952, p. 180).

Nesse sentido, observa-se a preocupação dos editores com a educação moral e não somente com a preparação física. Esse pensamento faz parte de um projeto mais amplo que tinha como objetivo a educação integral do ser humano, que estava de acordo com o plano de transformação social em vigor. Acreditava-se

que somente pela educação se poderia formar indivíduos capazes de defender a pátria e formar um sociedade forte e sadia. Nesse contexto, a Educação Física deveria ser corretiva, para permitir combater as más atitudes escolares e sociais, bem como apresentar-se de forma recreativa, dedicando um lugar considerável aos jogos.

A importância dos jogos é expressa em 31 artigos publicados entre janeiro de 1933 e julho de 1958 por militares e civis. Os oficiais Antônio Pereira Lira, Ivanhoé Gonçalves Martins, Inácio de Freitas Rolim, Jair Jordão Ramos, José de Almeida Neves, Ilídio Romulo Colônia e o sargento C. B. Lobo escreveram 13 artigos. Já os civis Arthur Ramos, Mario Filho, Jair da Graça Raposo, Ilídio Alcântara Abade, Haydée Costa, Otávio Gonsaga e Neusa Feitál publicaram 10 artigos. Ainda foram localizados oito artigos não assinados. Aqui se observa mais um sinal de que o trabalho de definição, explicação e prescrição de práticas corporais, tanto para civis quanto para militares, é feito por cooperação mútua desses segmentos da sociedade. Há evidências no impresso de que, à medida que vão se formando os profissionais civis, os militares vão se afastando da discussão afetada à escolarização do componente curricular Educação Física.

Ao lidar com a revista em sua primeira fase, observou-se que alguns eixos considerados científico-pedagógicos, como *continuidade*, *alternância*, *graduação*, *atração* e *disciplina*, deveriam estar presentes na Educação Física militar e civil. Esses eixos encontravam-se subordinados às grandes linhas doutrinárias existentes no Exército: *hierarquia*, *ordem* e *disciplina*, as quais orientavam toda ação institucional e pedagógica.

Como características das lições veiculadas, podemos destacar: o valor atribuído à experiência, ou seja, o contato prático do aluno com os exercícios; a valorização e utilização dos jogos no decorrer das aulas; a importância dos professores como mediadores do processo de ensino; a adaptação dos conteúdos aos locais e ao grupo a que eram direcionados. Essas características assemelham-se em muito à *Educação Funcional*, em que o educando deixaria de ser visto como mero receptor de conhecimentos para ser inserido

no centro da prática educativa. Temos uma guinada no momento em que esse tipo de perspectiva pedagógica passa a considerar as motivações dos aprendizes, a norma e a ordem como eixos pedagógicos ordenadores e passam a incorporar ou a considerar o gosto e o prazer da exercitação no ensino.

Fica evidente que o modelo pedagógico veiculado pelos editores da *Revista de Educação Física* tinha como objetivo o desenvolvimento integral do indivíduo: físico, moral e intelectual. Essa preocupação com a educação integral pode se constituir em indício da circulação e apropriação, em meio à intelectualidade militar, das teorizações de Edouard Claparède, o qual fundamentou seus estudos na teoria de Charles Darwin e na Psicologia com base no evolucionismo biológico do tipo *spenceriano*. Os intelectuais ligados ao Exército consideravam fundamental para a aprendizagem o contato prático dos alunos com o conteúdo proposto, ou seja, a experiência do “aprender fazendo” ou do “fazer para aprender”.

Na análise dos artigos da *Revista de Educação Física*, percebe-se um conjunto de textos que trazia os fundamentos da Biologia e da Pedagogia para o âmbito da Educação Física. Em suas especificidades, apresentavam interesse pela educação infantil, visto que, a partir desta, seria implantado um método de Educação Física que seria a base da formação de uma sociedade forte, nacionalista e desenvolvida industrialmente. Para isso, adotaram como linha mestra o método francês direcionado para a escola, apoiados na necessidade da atividade física aplicada à infância e nos exames médicos regulares. Contudo, observou-se, durante o estudo, um uso estratégico e tático complementar entre a Biologia e a Pedagogia, em que a primeira deu sustentação às práticas pedagógicas (seleção e distribuição dos alunos por meio dos grupamentos homogêneos em que ficaria mais fácil optar por determinadas atividades em função do desenvolvimento físico das crianças) e a segunda conferiu legitimidade às práticas realizadas em âmbito escolar. Desse modo, notou-se uma biologização da Pedagogia, de modo a fornecer cientificidade à disciplina Educação Física e aos fazeres e saberes que a ela davam sustentação.

Na revista *Educação Physica*, verificou-se que algumas seções estão presentes em quase todo o seu ciclo de vida. Uma delas, designada também *Lições de Educação Física*, foi veiculada do n. 35 (1938) ao 62 (1942). Essa seção, assim como ocorreu na *Revista de Educação Física* chancelada pelo Exército, organizava-se como um receituário, local em que os professores tinham prescrições das atividades que deveriam ser realizadas na condução de uma aula considerada exemplar.

Ao analisar essas prescrições, percebeu-se como estratégia uma tentativa de produzir a unidade de doutrina na preparação do professor. A seção *Lições de Educação Física*, da forma como foi estruturada, constituía-se como um receituário prescritivo que abarcava, nos mínimos detalhes, os passos que deveriam ser realizados pelos professores na preparação do plano de aulas, indicando a idade em que o aluno poderia ser submetido à exercitação, o tipo de exercício que poderia praticar, o tempo a ser dedicado a cada sessão, os gestos que deveriam ser realizados e as formas de combinações possíveis entre cada gesto. Enfim, um modo de organização que colocava em cena modelos a serem imitados que, na visão dos editores do impresso, efetivamente serviriam de ferramenta para a intervenção pedagógica.

Se produzir as lições que deveriam ser empregadas nas escolas não era suficiente para determinar o que o professor deveria desenvolver, a revista ainda fez veicular o padrão que considerava de um bom professor de Educação Física. Entre os textos publicados, encontra-se o produzido por Fernando de Azevedo (AZEVEDO, 1936), intitulado: *O papel do professor moderno de Educação Physica*, e o escrito por Hollanda Loyola (LOYOLA, 1940), com o título *O professor de Educação Física*. Esses artigos são prescritivos, no sentido de especificar um perfil desejável para o professor de Educação Física. Como exemplo da discussão que é conduzida na revista sobre a formação do professor de Educação Física, Loyola faz o seguinte comentário:

[...] no conceito atual da verdadeira educação – a educação integral – êle [o professor] já não é

mais o simples ‘mestre de ginástica’, o homem dos músculos hipertrofiados e das acrobacias sensacionais, o gigante da força bruta, uma espécie de domador que as crianças temiam, e os rapazes respeitavam mais pelo medo do que pela consideração que se deve dispensar ao professor (LOYOLA, 1940, p. 9).

Contra essa forma de perceber a atuação do professor, buscase produzir um outro modelo, aquele que o instrutor de Educação Física passa a ser visto como um educador. Nas palavras de Loyola: “Hoje ele [o professor] é por excelência o educador a quem incumbe tornar o homem um valor positivo, uma parcela útil dentro da coletividade humana através do preparo físico e da formação moral da mocidade” (LOYOLA, 1940, p. 9).

Mas, para ser considerado um educador formado dentro dos princípios veiculados no periódico, esse professor deveria aperfeiçoar algumas das suas qualidades. Essa formação, de acordo com Loyola, obedecia a alguns critérios, entre os quais figuravam:

Desenvoltura intelectual, preparo técnico, conhecimento de humanidades, linguagem apurada, conduta exemplar, atitudes dignificantes, força de vontade, senso de justiça, noção do dever, amor à Pátria, personalidade, idealismo, renúncia, convicção, disciplina, bondade e energia (LOYOLA, 1940, p. 9).

Para Loyola (1940, p. 9), essa “[...] deve ser a mentalidade do moderno professor de educação física, o princípio que deve nortear a realização dos seus objetivos, as normas de sua conduta na escola e [na] sociedade”. Desse modo, ele será “[...] por excelência o educador [...] [que] a mocidade seguirá, entusiasta e bela, forte e sobranceira, elevando a Pátria” (LOYOLA, 1940, p. 9).

Nas palavras de Loyola, o embate entre duas formas de representar o professor de Educação Física: de um lado, aquela que desacredita o seu papel educativo dentro da escola; de outro, a revista faz circular uma imagem positiva do profissional, na qual ele

se torna um modelo de comportamento, pela alegria e disciplina com que abraça a causa da melhoria da raça e da missão regeneradora dos hábitos que deve constituir o seu sacerdócio. Nesse processo é incentivado a dominar e fazer uso de conhecimentos provindos de diferentes ciências para formar física, intelectual e moralmente a mocidade brasileira. A intervenção desse profissional aqui se ampara na imagem multidisciplinar que deve guiar sua formação. Estamos diante de uma perspectiva que se torna tradição, com diferentes nuances e ênfases, no campo da Educação Física brasileira.

Relacionados com os fazeres e saberes considerados prioritários para a formação do professor de Educação Física, os diretores fazem circular, por meio da revista, conhecimentos sobre as regras, o domínio técnico dos esportes, as modalidades de ginástica, da dança e das estratégias dos jogos. Nesse rol de conhecimentos, encontram-se também aqueles que buscam fornecer fundamentação aos professores para discutirem a Educação Física em outros domínios. Entre estes estão: os conhecimentos relacionados com a Fisiologia Humana, a Higiene e Puericultura, a Pedagogia e a História da Educação Física e dos Esportes. Nessa esteira o periódico também leva aos leitores as grandes personalidades da Educação Física, os grandes propagadores dessa disciplina no Brasil e em outros países, os fatos que marcaram sua história e a relação dessa disciplina com os clássicos do pensamento filosófico e educacional.

O periódico indicava um modelo a ser seguido pelo professor, que deveria apresentar qualidades como: vitalidade, virilidade e resistência física e, ao mesmo tempo, desenvoltura intelectual e o conhecimento de humanidades. Mas essas capacidades, de acordo com os editores da revista *Educação Physica*, não deveriam se desenvolver sem linguagem apurada, conduta exemplar, atitude dignificante, força de vontade, senso de justiça, noção do dever, amor à pátria, personalidade, idealismo, renúncia, convicção, disciplina e bondade, o que, de acordo com os editores, faria com que a Educação Física fosse reconhecida como atividade necessária ao bom desenvolvimento da sociedade brasileira e, do mesmo modo, garantindo-lhe significado e relevância como disciplina escolar.

A seção chamada *Educação*, veiculada a partir do n. 24 (1938), tinha por tática mobilizar autores que, de alguma maneira, contribuíssem para a estratégia de consolidar o discurso da Educação Física como prática educacional. Para concretizar esses objetivos, a revista publica artigos, notas e comentários que se empenham em agregar à causa da Educação Física no Brasil nomes de intelectuais e autoridades do meio social, vivos ou falecidos, nacionais e estrangeiros, que respondem a essa demanda dos construtores do campo.

Expõe-se aos leitores aquilo que grandes pensadores, educadores, cientistas e/ou estadistas nacionais ou estrangeiros disseram ou diziam sobre a Educação Física. Desse modo, recorrem ao pensamento de Manoel Bomfim, Everaldo Backheuver, Gustavo Capanema, Émile Durkheim, Jean Jacques Rousseau, Johann Heinrich Pestalozzi, John Dewey, Édouard Claparède, Maria Montessori, Friedrich Froebel, entre outros, enfatizando suas prescrições sobre a necessidade de incorporar a Educação Física num plano educacional de educação.

Pelo que se pode notar, os primeiros periódicos produzidos sobre Educação Física marcam por serem prescritivos e por funcionarem como *Caixa de Utensílios* (CARVALHO, 2001), repositório em que os professores poderiam com facilidade encontrar lições a seguir, aconselhamentos sobre a prática e abraçar a um só tempo os conhecimentos provenientes de diferentes esferas epistemológicas, como as ciências biológicas e humanas.

Marinho (1994), por exemplo, defende que a Anatomia e a Fisiologia não davam conta de responder as questões postas à área. Para ele, era preciso ampliar o diálogo com outros conhecimentos advindos, sobretudo, da História, Sociologia, Filosofia e Psicologia. Isto não significa que deveria ser abandonado o diálogo com a Biologia, mas o reconhecimento da necessidade de ampliar suas bases para compreender a Educação Física em meados do século XX.

As discursividades dos intelectuais veiculadas nas páginas dos impressos analisados indicam como a Educação Física estava

buscando sua legitimidade amparada no contato com o ideário da Escola Ativa e o seu valor atribuído à experiência como princípio da aprendizagem, assim como pela circulação de autores que apresentavam proximidades entre a Pedagogia e a Educação Física. Boa parte desses autores não escreviam diretamente para as revistas, todavia, seus textos eram traduzidos, editados e publicados para reforçar a legitimidade e o valor educacional dessa disciplina.

Na composição de um corpo de conhecimentos pela e para a Educação Física, o que se percebe é o processo de apropriação e transformação de matérias que confere circularidade cultural a favor de uma pedagogia da Educação Física na época. Dessa cultura em circulação, os intelectuais fazem uso de acordo com os interesses que possuem de significar um lugar para a disciplina Educação Física na escola e de fazer com que outros aderissem aos mesmos ideais de educação.

3 As CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, HUMANAS E SOCIAIS: SABERES E PRÁTICAS NA IMPRENSA CIENTÍFICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA (1979-2005)⁴

Os principais achados da *RBCE*, no período de 1979-1987, indicaram uma predominância da área biológica em seus estudos, com 15 trabalhos que problematizaram as subáreas Antropometria, Somatotipo e Aptidão Física (CORTE; FERREIRA NETO, 2005). Os estudos da Biologia foram veiculados como meio privilegiado para o conhecimento do ser humano, bem como intencionavam fornecer uma noção acerca da interação entre o homem e o meio. A Psicologia, com seis estudos focados na subárea Psicologia do Esporte, surge no mapeamento como um dos saberes fundamentais para constituição de uma teoria educacional, advogada como área relevante para o professor conhecer com mais profundidade o aluno. O grande eixo da Pedagogia apresenta seis trabalhos distribuídos

⁴As características que constituem os projetos editoriais dos periódicos científicos exigem uma análise diferente daquela que é possível realizar no caso dos periódicos de ensino e técnico produzidos no Brasil, especialmente, entre 1930 a 1960.

em quatro subáreas: Políticas Públicas, Métodos de Ensino, Currículo e Metodologia de Trabalho. Por último, a Sociologia, que, com dois estudos, discute a subárea Sociologia do Esporte.

Sobre o intervalo de 1988-2005, percebe-se que a *RBCE*, analisada sob múltiplos enfoques, constitui uma instância privilegiada para se estudar o que as diferentes ciências “mães” trazem de contribuição para o campo da Educação Física (CORTE; FERREIRA NETO, 2005). O representativo número de artigos que contemplou a área da Pedagogia (42), em suas variadas subáreas, indica uma demanda por informações que pudessem fornecer respostas para questões que afligiam a Educação, em especial a Educação Física. Desses 42 trabalhos, 20 estão na subárea Ensino/Aprendizagem, oito em Metodologia, 10 em Currículo, dois em Aptidão Física como questão Pedagógica, um em Avaliação e um em Formação Profissional. Os achados indicam que, apesar da variabilidade de autores e fontes, as abordagens teóricas da área da Pedagogia são marcadamente oriundas do campo das Ciências Sociais e Humanas, com destaque para o Materialismo Histórico Dialético, Teorias Críticas do Currículo, Teoria Dialética da Aprendizagem Social e Método Dialético Hermenêutico. Embora com denominações distintas, todas essas abordagens são oriundas de uma mesma matriz teórica, o marxismo, em suas diferentes possibilidades de leitura.

A Biologia apresentou, nessa fase de 1988-2005, oito trabalhos que discutiram as mesmas subáreas da primeira fase. Entretanto, observou-se uma diferença no foco das pesquisas, uma vez que, no intervalo de 1979-1987, deu-se maior enfoque à subárea Antropometria seguida da subárea Somatotipo e, por último, à Aptidão Física. Já no intervalo de 1988-2005, houve uma inversão com ênfase sobre a Aptidão Física, ficando secundarizados os estudos sobre Somatotipo e Antropometria. Nesse período, a Sociologia e a Antropologia, como matrizes teóricas idênticas, passam a ter crescentes incidências sobre os modos como os autores dos trabalhos veiculados se aproximam das questões ligadas à Educação Física. Nesse processo, a cultura passa a ser um

campo reconhecido como possibilidade integradora dos saberes e discussões que circulam no âmbito do impresso.

Quando se examina o impresso, pode-se perceber que mesmo pesquisadores que produzem pesquisas voltadas para o estudo de fenômenos ligados a áreas como a Biodinâmica do Movimento Humano e Comportamento Motor Humano tinham a intenção de traduzir suas descobertas para um formato em que pudessem debater os modos como os achados poderiam ser pedagogizados para a intervenção na escola. Aqui temos o campo científico, fundamentado nessa matriz epistemológica, tensionando a constituição de uma teoria pedagógica a partir dos achados do movimentar-se humano com eficiência.

Além disso, uma análise da textualidade dos artigos que se dedicaram ao estudo desenvolvido na escola ou sobre ela revela a valorização, por um lado, de métodos e técnicas amparados por um discurso científico caracterizado pelos testes físicos, por outro, indica a preocupação do estudo das e sobre as práticas pedagógicas e, em alguns casos, apresentando proposições de novas metodologias de ensino fundamentadas na perspectiva da transformação social que pauta a teoria crítica (CORTE, 2009). A autora (2009, p. 138) chama-nos a atenção para os:

[...] escassos investimentos por parte do CBCE e, conseqüentemente, da RBCE, em estudos de natureza empírica. Percebe-se, pelos achados, que a produção do campo da Educação Física distanciou-se do cotidiano da escola em seu aspecto de intervenção, atendo-se, na maioria das vezes, a operar análises sobre esse cotidiano.

A opção por pesquisar sobre o cotidiano escolar confere uma definição *a priori* do que deve ser a escola e a prática produzida neste contexto. Esse movimento abre espaço para a especulação na medida em que não está interessado em saber e compreender o que de fato se faz, o que justifica esse fazer e quais as suas implicações para a Educação Física como componente curricular. A preocupação está em definir, para o outro, o que deveria ser feito. Este *design* de

pesquisa tem favorecido a produção constante de diagnósticos de denúncia, assentando-se na ideia de falta, de algo que precisa ser preenchido pelo conhecimento, sobretudo científico, relegando à escola e suas práticas um lugar de reprodução das teorias.

Com base no *corpus* oriundo da revista *Motrivivência*, no período de 1988-2005, considerando sua diversificação e a opção pela tematização, podemos afirmar que esse impresso tem se dedicado, principalmente, ao debate político relacionado com a área que promove a discussão dos saberes sobre a escolarização da Educação Física a partir de referenciais, prioritariamente, das Ciências Humanas e Sociais aplicadas, como expresso no editorial do seu primeiro número: “O objetivo principal da *Motrivivência* é o estímulo à socialização da pesquisa científica, cuja prática tem sido relegada e subestimada desde o 1º grau até a graduação” (EDITORIAL, 1988, p. 5).

Essa identidade discursiva presente no periódico tem favorecido a publicação de temas como *Licenciatura*, com nove trabalhos; *Currículo*, com 11 estudos; *Prática de Ensino e Estágio Supervisionado*, com 10; e *Formação Profissional*, com seis, projetados aqui para se pensar, exclusivamente, na graduação em Educação Física. Comparando esses temas com o período de circulação no impresso, 1988 a 2001, percebemos que a eles são atribuídos uma considerável importância, tanto numérica como pelas diferentes abordagens e interfaces teóricas.

No que se refere, especificamente, ao suporte teórico, os achados indicam uma variabilidade grande de autores e obras, combinada com baixa frequência de aparição nos diversos estudos. Especificamente quando se discute o tema *Licenciatura*, encontramos, por exemplo, um único autor e obra de referência indicado em dois trabalhos, que é Adorno em *Educação e emancipação* (SANTOS et al., 2005).

É característica marcante dos artigos veiculados no impresso o uso de referenciais teóricos advindos da grande área da Educação, fundamentando-se em autores como Pedro Demo e Dermerval Saviani. No que diz respeito aos estudos no campo da Educação

Física, as maiores referências são: Hildebrandt e Laging e Kunz. Desses autores, os trabalhos de Kunz–Educação física: ensino e mudança (1991) e Transformação didático-pedagógica do esporte (1994) são os únicos que aparecem em dois estudos diferentes no tema Licenciatura. Os demais autores são referenciados apenas uma vez.

Os temas sobre a Licenciatura foram abordados de diferentes formas, sendo que a maioria dos estudos se caracterizam como relatos de experiências vivenciadas nas disciplinas ministradas nos cursos de graduação em Educação Física. A relação entre teoria e prática, entre ensino e intervenção, a importância da extensão universitária, as relações pedagógicas são algumas das temáticas problematizadas.

A prevalência dessas discursividades é datada, historicamente, como representativa de “operacionalização” de um processo de crítica e de transformação da educação mais fortemente visualizado a partir da década de 1980, no Brasil. Isso se mostra pelo fato de que as questões enfrentadas nos trabalhos revelam o investimento de estudiosos em experimentar e avaliar as práticas de ensino de graduação e, sobremaneira, analisar questões variadas que constituem a pluralidade de temáticas dos processos educativos.

Em seus primeiros anos, a linha teórica adotada demarca o caminho seguido pelos editores do impresso, assim como pelos intelectuais que publicam na revista. Essa linha diz respeito a uma discursividade sobre e para a Educação Física que alinhava suas interpretações a uma narrativa que indica apropriações do Materialismo Histórico Dialético para formar sua teoria pedagógica. Todavia, quando os autores que circulam no periódico voltam a atenção para a discussão de temáticas como *Currículo*, trazem como referências autores do referido campo da Educação e da própria Educação Física que extrapolam ou ressignificam, em alguma medida, o Materialismo Histórico Dialético.

Assim, os trabalhos que discutem questões das teorias críticas do currículo partem de uma mesma matriz teórica, qual seja, a Sociologia e Teoria Crítica de Currículo, fundamentada

principalmente na obra de Apple, intitulada *Ideologia e currículo*, e na de Domingues, nomeada *Interesses humanos e paradigmas curriculares*, presentes em três trabalhos. Os estudos de Giroux, *Teoria crítica e resistência em educação*; de Moreira, *Currículos e programas no Brasil*; e de Silva, *A construção do currículo na sala de aula*, aparecem em dois dos quatro trabalhos mapeados. Encontramos, ainda, referências aos seguintes estudos da Educação Física: Castellani Filho, Costa e Ghiraldelli Júnior.

É preciso evidenciar, como sinalizaram Ferreira Neto et al. (2003), que, dos 11 trabalhos selecionados, o número expressivo de oito encontra-se na primeira publicação da revista, datada de 1988. Não podemos, nesse caso, ignorar a demanda impulsionada pela Resolução nº 03, de 1987, do Conselho Federal de Educação, que procurou, dentre outros fatores, fixar o mínimo de conteúdo e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física na modalidade de Bacharelado e/ou Licenciatura Plena, constituindo-se, assim, uma formação geral de caráter obrigatório e aprofundamento de conhecimento de caráter complementar.

Sobre o tema *Formação Profissional*, que circula no impresso, encontra-se alta variabilidade de autores e obras, na qual nenhum deles aparece em mais de um trabalho. Entre os que se constituem como referência destacam-se Foucault, Heller, Larrosa, Lefebvre e Vazquez. É relevante salientar o diálogo existente com as produções teóricas no campo educacional, dentre os quais se encontram: Arroyo, Candau, Gadotti e Saviani.

De um universo de cinco textos, três procuraram refletir sobre a relação teoria e prática no ensino e suas implicações para a Educação Física Escolar. É importante ressaltar que esses três trabalhos estão presentes no n. 8 da revista, publicado em 1995, que teve como temática “Educação Física: teoria e prática”. Dos dois estudos restantes, publicados em 1996 e 1998, destacamos que um pesquisa as condições de trabalho, atuação e atualização profissional; e o outro, as políticas educacionais no campo da formação profissional.

Quanto às teorias que oferecem suporte aos estudos do tema Prática de Ensino e Estágio Supervisionado, identifica-se um contingente enorme de autores e obras, tanto no campo da Educação como no da Educação Física. No campo da Educação Física, encontram-se duas linhas teóricas, uma que denominamos de teórico-metodológica e outra específica sobre a discussão da prática de ensino e estágio supervisionado. Na primeira, são referenciados Hildebrandt e Langing, João Batista Freire e Coletivo de Autores. Desses autores, os únicos com recorrência em três trabalhos são Hildebrandt e Langing. Na segunda linha teórica, constata-se os estudos de Mocker, Ventorim e Wiggers. Identificam-se também autores que se apóiam nas pesquisas de Adorno, Adorno e Horkheimer, Habermas e Benjamin.

Percebe-se uma grande preocupação dos autores mapeados em buscar aportes teóricos com estudos realizados no campo da Educação, sobretudo aqueles que procuram discutir a formação profissional, a prática de ensino e estágio supervisionado, como Demo, Fazenda e Piconez. Quanto ao uso dos referenciais oriundos da Educação Física, identificou-se a presença de Bracht e Lovisolo.

No debate que constituiu o tema em análise, percebemos o destaque dado à discussão epistemológica entre a teoria e a prática na pesquisa e no ensino. Uma característica relevante dessa produção é que a maioria se apresenta como do tipo relato de experiência, indicando a valorização da possibilidade de socializar práticas de ensino, objeto central que se situa como importante eixo articulador da formação de professores. Desse modo, nas discursividades dos textos procura-se, em sua grande maioria, descrever/problematizar/avaliar as experiências realizadas na Prática de Ensino e no Estágio Supervisionado.

As questões problematizadas pelos estudos assinalam um compromisso da *Motrivivência* em promover o debate acadêmico, divulgar o conhecimento produzido na área e, sobretudo, provocar a necessidade de uma intervenção educacional mais qualificada. A ação empreendida pela revista sinaliza a maneira como o impresso tem

ajudado a provocar o debate, de modo a tensionar aquilo que acredita ser legítimo para fundamentar uma teoria pedagógica da Educação Física.

A *RBCE* e *Motrivivência* se constituem como importantes fontes para compreendermos a tentativa de superação, pelo menos no campo discursivo, das teorias que ofereciam/oferecem suporte à área, sobretudo se considerarmos o debate de parte da intelectualidade da Educação Física, na década de 1980 e início da década de 1990, politicamente engajado, pautado na perspectiva crítica que buscou abordar, predominantemente, a função da Educação Física na escola.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imprensa de ensino e técnica, particularmente a *Revista de Educação Física* (1932-2005) e a revista *Educação Physica* (1932-1945), promove uma assepsia no que havia de “força política” na Escola Nova, enquanto deu ênfase a seu caráter pragmático, funcional e utilitário. Por outro lado, a imprensa científica, representada pela *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* (1979-2000), materializa a antropometria pedagógica expressa na produção sobre somatotipologia e aptidão física em seus primeiros anos. Em conjunto com a revista *Motrivivência*, mobiliza, em fins da década de 1980, pelo que se demonstrou, uma posição político-ideológica nítida marcada pela presença crescente de estudos de viés pedagógico nos periódicos (Ensino/Aprendizagem, Currículo, Metodologia, Políticas Públicas Educacionais/Legislação, Avaliação, Formação Profissional, Atividade Física como questão Pedagógica e Estudos da Personalidade).

Uma modalidade de discurso que animou o debate de parte dos intelectuais da Educação Física, na década de 1980-1990, foi o discurso politicamente engajado, que buscou debater sobre a função da Educação Física na escola a partir de uma teoria crítica da sociedade. Pode-se considerar que *RBCE* e *Motrivivência* configuram-se como uma síntese das discussões produzidas nos últimos anos pela área, as quais produziram tensionamentos no campo da pedagogia da Educação Física e no campo científico.

Os principais resultados apontam que as instituições médica, militar e educacional foram os lócus que possibilitaram uma forma particular de teorizar sobre a Educação Física brasileira. A síntese desse debate institucional, a partir da segunda metade do século XIX, impacta e aparece com nitidez na imprensa periódica da Educação Física até fins da década de 1940, e pode ser percebida pela busca de uma teoria da ação que se apropria sistematicamente de conhecimentos das Ciências Biológicas, das Ciências Humanas e das Ciências Sociais aplicadas como recurso tático para confirmar a estratégia de implantação e consolidação do componente curricular Educação Física nas escolas e nas universidades do país.

A hipótese é que uma teoria da Educação Física brasileira, constituída no século XX, é resultante de incorporações sistemáticas de conhecimentos oriundos das Ciências Exatas, Ciências Biológicas e Ciências Humanas e Sociais. É inevitável o reconhecimento de que tal hipótese já estava posta na década de 1940, nos estudos de Marinho (1944). Mas, como mostra a *RBCE*, podemos indicar que a hipótese tem vigor e, por contradição, resiste no interior da produção veiculada ainda nesse passado recente. O que ficou silenciado pela comunidade científica foi sua presença contínua, duradoura e integradora que parece formar uma tradição, mesmo com todos os fracionamentos e lutas no interior do campo.

O que se notou, ao estudar as revistas e os modos como os intelectuais buscam desenvolver uma teoria para a Educação Física em fins do século XX e meados do século XXI, é que existe um afastamento dos estudiosos, principalmente dos que fazem suas pesquisas circular na *RBCE* e na revista *Motrivivência*, das áreas ligadas às Ciências Biológicas. Estas ficam secundarizadas no momento de projetar um conjunto de saberes capaz de significar um lugar para a Educação Física no ambiente escolar. Pelo que se percebeu, diferente do que ocorreu no início do século XX, os intelectuais que buscam organizar um discurso que possibilite pensar a Educação Física agindo sobre o desenvolvimento do corpo, do intelecto e da sensibilidade já não estão presentes. Desse modo, questões ligadas a áreas biológicas são relegadas à tradição

e, por isso, são tidas como ultrapassadas e sem sentido quando se toma a cultura como ponto de partida, de integração e de chegada.

Os impressos analisados, principalmente nas últimas três décadas do século XX e meados do século XXI, são a expressão viva do caráter multidisciplinar da Educação Física brasileira e apontam uma (in)definição no campo científico, uma vez que, como área de conhecimento, tanto podem se justificar entre as Ciências Humanas e Sociais como entre as Ciências da Saúde. Todavia, essa (in)definição parece-nos colocar em xeque o processo de escolarização da Educação Física ocorrido no século XX. As pistas encontradas nesta pesquisa sinalizam que a área vive numa situação pendular que se caracteriza por escolarização incompleta e indícios de desescolarização. Questão essa que nos remete para a necessidade de novas investidas sobre o tema.

For a theory of Brazil's Physical Education in education, technical and scientific journals

Abstract: This article aims to identify scientific practices on theory of Brazil's Physical Education in teaching, technical and scientific journals between 1932 and 2005. Its sources were: *Revista de Educação Física* (1932-2005), *Educação Physica* (1932-1945), *RBCE* (1979-2005) and *Motrivivência* (1988-2004). The synthesis of this debate has influenced journals since the late 1940s. It can be perceived in a theory of action that appropriates knowledge from biological, social and human sciences as a tactical resource to confirm the strategy to implement and consolidate the Physical Education curriculum component in the country's schools and universities.

Keywords: Physical Education. Scientific practices. Theory. Journals.

Por una teoría de la Educación Física brasileña en la prensa periódica de enseñanza Técnica y Científica

Resumen: Objetiva identificar las prácticas sobre teoría de la Educación Física brasileña en la prensa periódica de enseñanza técnica y científica entre 1932 y 2005. Las fuentes fueron: *Revista de Educación Física* (1932-2005), *Educación Physica* (1932-1945), *RBCE* (1979-2005) y *Motrivivência* (1988-2004). La síntesis de ese debate impacta la prensa periódica desde el final de la década de 1940. Puede ser percibida en una teoría de la acción que se apropia de conocimientos de las ciencias biológicas, humanas y sociales como recurso táctico para confirmar la estrategia de implantación y consolidación del componente curricular de Educación Física en las escuelas y en las universidades del país.

Palabras clave: Educación Física. Prácticas científicas. Teoría. Periódicos.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, F. O papel do professor moderno de educação physica. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 15-17, fev. 1936.

BLOCH, M. *Apologia da história, ou, o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CAPARROZ, F. E. *Entre a educação física na escola e a educação física da escola: a educação física como componente curricular*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

Movimento, Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1473-1497, out./dez. de 2014.

CARNEIRO, F. F. B. **Práticas científicas em educação física**: a arqueologia do GTT Escola no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (1997-2009). 2011. 238 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Centro de Educação Física e Desportos, Vitória.

CARVALHO, M. M. C. de. A caixa de utensílios e a biblioteca: pedagogia e práticas de leitura. In: VIDAL, D. G.; HILSDORF, M. L. S. (Org.). **Brasil 500 anos**: tópicos em história da educação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 137-168.

CAVALCANTI, N. Unidade de doutrina. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, s. p., jun. 1932a.

CAVALCANTI, N.. Unidade de doutrina. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, s. p., jul. 1932b.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes do fazer. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1994.

CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CLAPARÈDE, E. **A educação funcional**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

CLAPARÈDE, E. **A escola sob medida**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura S.A., 1959.

CORTE, R. B. **Educação física escolar**: práticas de pesquisa e saberes científicos em Revista (1979-2009). 2009. 217 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Centro de Educação Física e Desportos, Vitória, 2009.

CORTE, R. B.; FERREIRA NETO, A. Saberes e práticas: a biologia, a psicologia e a pedagogia na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (1979-1987). In: SEMINÁRIO DO CEMEF-UFMG, 2., 2005, Belo Horizonte. **Anais....** Belo Horizonte: CEMEF-PROTEORIA, 2005. 1 CD-ROM

DAOLIO, J. **Educação física brasileira**: autores e atores da década de 1980. Campinas: Papirus, 1998.

DEWEY, J. **Democracia e educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952.

EDUCAÇÃO PHYSICA. Rio de Janeiro, n. 1-88, 1932-1945.

FERREIRA NETO, A. **A pedagogia no exército e na escola**: a educação física brasileira (19880-1950). Aracruz: FACHA, 1999.

FERREIRA NETO, A. et al. Fórmula editorial e graduação: 15 anos de Motrivivência. **Revista Motrivivência**, Santa Catarina, ano 15, n. 20-21, p. 57-90, mar./dez. 2003.

FERREIRA NETO, A. et al.. Publicações periódicas científicas em educação física e esporte de instituições universitárias. In: DACOSTA, L. P. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005a. p. 778-779.

FERREIRA NETO, A. et al.. Publicações periódicas científicas em educação física e

esporte de sociedades científicas e associações de categoria profissional. In: DACOSTA, L. P. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005b. p. 778-779.

FERREIRA NETO, A. et al.. Publicações periódicas de ensino, de técnicas e de magazines em educação física e esporte. In: DACOSTA, L. P. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005c. p. 776-777.

GAUTHIER, C. et al. **Por uma teoria da pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí: Unijuí, 1998.

GINZBURG, C. **A Micro-História e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Memória e Sociedade, 1989.

LOYOLA, H. O professor de educação física. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 42, p. 9, maio 1940.

MARINHO, I. P. Conceito bio-sócio-psico-filosófico da educação física em oposição ao conceito anátomo-fisiológico. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 23-38, fev. 1944.

OLIVEIRA, V. M. **Consenso e conflito da educação física brasileira**. Campinas: Pairus, 1994.

SANTOS, W.; FERREIRA NETO, A.; SCHNEIDER, O.; VENTORIM, S. 15 anos de Motrivência: o debate sobre a graduação. In: SEMINÁRIO, 2., 2005, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: CEMEF-PROTEORIA, 2005. 1 CD-ROM.

SCHNEIDER, O. A revista Educação Physica (1932-1945): circulação de saberes pedagógicos e a formação do professor de educação física. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE DO ESPÍRITO SANTO, 1., 2002, Santa Teresa. **Anais...** Santa Teresa: Esesfa, 2002.

VAGO, T. M. Estratégias de formação de professores de gymnastica em Minas Gerais na década de 1920: produzindo o especialista. In: FERREIRA NETO, A. (Org.). **Pesquisa histórica na educação física**. Aracruz: FACHA, 1999. v.4, p. 51-78.

Endereço para correspondência
Caixa Postal 9905
AGF Universitária
Rua Arthur Czartoryski, 455, Loja 1
Vitória, ES
Brasil
CEP.: 29060-974

Recebido em: 11.04.2014

Aprovado em: 22.08.2014